

O Vimaranesense

Redactor principal: Avelino de Sousa.

Os artigos da redacção do jornal não são assignados. Todo o artigo publicado com assignatura de qualquer natureza exprime a opinião particular do seu author, com a qual a redacção pode, ou não concordar.

N.º 452

SEXTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1867

V. ANNO

Guimarães, 14 de fevereiro

Moral, progresso, liberdade e economias.

No estandarte da *fuzão* inscreveram os patriarchas d'ella quatro palavras symbolicas d'uma administração auspiciadora: *moralidade, progresso, liberdade e economia*. Foi a invocação dos sacerdotes magno d'aquella liga, e o dogma d'aquella comunidade, vinda de pontos oppostos, mas reunida no intuito aparente de regenerar a administração, estancar a corrupção, e impulsar todos os melhoramentos, que servissem a prosperar o paiz.

A simples innunção de tão nobre apostulado bastou a chamar egreja e acrescentar neophytos á nova egreja politica, que, sobre as ruinas de dous templos derrubados, levantou um pendão de magnanimidade e regeneração, — se bem que ficticio, hypocrita, mentiroso, — attraente e sympathico.

As luctas estereis dos partidos, a improficuidade dos ultimos governos, as circumstancias cada vez mais calamitosas do thesouro, a ambição desmedida e injustificavel dos somenos graduados sacerdotes dos diferentes ritos, e a corrupção de quasi todos, trazia tão anciado o paiz que a promessa d'um melhor porvir conciliou a opinião publica com o novo parti-

do, e, se não lhe grangeou a confiança geral, suspendeu todas as demonstrações de hostilidade, que embaraçam e prejudicam a acção dos governos.

Assim pela ascensão da *fuzão* ás regiões elevadas do poder, o parlamento e a imprensa prestaram o seu apoio á situação, e só poucos membros da assemblea legislativa, e menos d'esta assemblea universal guardaram uma posição expectativa, e rarissimos aggressiva, deixando assim desembaraçada a acção do ministerio para a realisação do seu programma.

Nenhum governo, como o *fuzionista*, logrou por consequencia tão favoraveis elementos para realizar as suas promessas.

Nenhum, como elle, teve menos obstaculos para traduzir em factos o seu programma.

Nenhum teve menos difficuldades para meditar e resolver as graves questões de governação, que se comprometteram estudar.

Sem opposição, ou quasi sem ella, no parlamento e na imprensa; com disposições favoraveis da opinião, com a força derivada da união de dous partidos, com o prestimo das intelligencias mais precognisadas pelos thuribularios da *fuzão*, e com largo tempo de ocio para o estudo, o governo devia realizar o seu programma, e dotar o paiz com os melhoramentos e reformas, que, solemnemente, lhe havia promettido.

— Os membros podres, que enfermavam a administração deviam ser amputados, as conezias do orçamento extintas, e a corrupção, que viciava os costumes e prostitui a politica, devia ser estancada.

Era esta a primeira parte do programma á satisfazer. E como a cumpriu o governo?!

Onde está o camartello d'estes obreiros da moralidade, que derrubou o nicho dos *deuses* pagãos, que vivem em bodas e festas permanentes á custa do paiz?

Onde está a iniciativa fecunda, que esmagou a hydra da corrupção, que centuplica diariamente as suas cabeças?

Bem longe d'isso.

O governo, em vez de apiar dos seus altares os *deuses* gentlicos do orçamento, fez mais altares e creou mais divindades. . . .

Em vez de estancar a corrupção abriu horizontes mais largos á immoralidade, semeou o gosto pela *fidalgua*, derramou a paixão pelas sumptuosidades loucas, almoedon na praça os seus advogados e defensores, e sanctificou o emprego de todos os meios, que sirvam a conquistar-lhe amigos e a segural-o no poder!

E como satisfaz o ministerio os demais artigos do seu compromisso politico?

Que medidas de governação vieram melhorar a administração do estado?

Que novas fontes de receita vigoraram o thesouro?

Onde está a iniciativa fecunda d'estes reformadores?

Onde está o impulso d'estes obreiros do progresso?

O *embaraço ministerial* para a publicação do codigo civil, e para a immediata execução da lei hypothecaria, serão os monumentos levantados á energia e vigor da actividade do governo?

O *Chalons* de Tancos será o seu unico titulo de reformador?

A inercia, que vae paralisando todos os melhoramentos materiaes, será o unico documento d'um progresso prometido?

— Liberdade?

Mas quem não sente a *quiltolina* do poder executivo sobre a cabeça dos eleitores independentes?

Quem não viu o procedimento do governo nas ultimas eleições camararias, e quem se não escandalisa com as torpezas, que elle presentemente uza para arredar do parlamento o imminente financeiro Lobo d'Avila?

Economias?

Quem não sabe a *soldada* que vencem os patronos e advogados do governo?

Quem desconhece a origem d'essas sumptuosidades loucas, em que gastam rios de dinheiro os defensores natos do governo?

FOLHETIM

SERRASINO

(FOR BALSAC)

(Continuado do n.º 450)

O piano ergueu-se. Ouvia pela vez primeira essa musica, cujas delicias tão eloquentemente lhe gabara J. J. Rousseau, uma noite, em casa do barão d'Holbach. Os sentidos do moço esculptor foram, a bem dizer, lubrificadas pelos accents da sublime harmonia de Jumelli. A languida originalidade d'estas vozes italianas, habilmente casadas, immergiaram n'o n'um extasis magico. A sua alma passou para os olhos e para os ouvidos. Cuidou escutar por todos os pógos.

De repente applausos de fazer cahir a casa, accolheram a entrada da *prima donna*.

As luzes, o entusiasmo de toda a gente, a illusão do theatro, o prestigio do vestuario, que, n'esta epocha, era provocador, tudo conspirava a favor d'esta mulher.

Serrasino deo gritos de prazer.

Admirava n'este momento a belleza ideal, cujas perfeições elle procurava aqui e ali pela natureza, pedindo a um modelo, muitas vezes ignobil, o bem torneado d'uma perna; a outro o contorno do seio; a tal outro o bem acabado d'umas espaldas brancas; enfim aproveitando o pescoço d'uma virgem, as mãos d'uma mulher, os joelhos polidos d'uma criança, sem encontrar nunca debaixo do ceo frio de Paris, as ricas e suaves creações da

A Zambinella lhe mostrava reunidas, bem viva e delicadamente, estas exquisitas proporções da natureza, tão ardentemente desejadas, e das quaes o esculptor é o juiz ao mesmo tempo o mais severo e apaixonado. Era uma bocca expressiva, olhos a rever amor, uma cor d'uma alvura deslumbrante. E juntas a estas particularidades, que arroubariam um pintor, todas as maravilhas das Venus sonhadas e realisadas pelo cinzel dos gregos. O artista não se cansava d'admirar a graça inimitavel com que os braços ligavam ao busto; o contorno feiticcio do collo; a harmonia das linhas descriptas pelas sobrançellas, pelo nariz; depois a oval perfeita do rosto, a pureza dos contornos expressivos, o effeito das pestanas espessas e recurvas que terminavam as palpebras largas e voluptuosas. Era mais que uma mulher, era uma obra prima!

Havia n'esta creação inesperada amor para encantar todos os homens, bellas para satisfazer um critico. Serrasino devorava com os olhos a estatua de Pygmalião, descida por elle do seu pedestal.

Quando a Zambinella cantou, foi um delirio. O artista teve frio. Em seguida, sentio um fogo que lhe faiscava subito nas profundidades do seu ser intimo, nisso, que á falta d'outra palavra, chamamos o coração.

Não applaudo; não disse nada; experimentou um accesso de loucura, uma especie de phrenesf que nos não agita, senão nessa idade, em que o desejo tem alguma cousa de terrivel e infernal.

Serrasino teve vontade de saltar ao palco e d'apossar-se d'esta mulher. A força d'elle, centuplicada por uma depressão moral, que não tem explicação possivel, pois que tais phenomenos se

mana, tendia a projectar-se com uma violencia dolorosa.

Ao vel-o, dil-o-bicis um homem frio e estúpido. Gloria, sciencia, futuro, existencia, louros, tudo veio a terra.

«Ser amado por ella, ou morrer—foi a sentença que Serrasino pronunciou contra si mesmo.

Tão ebrio estava que nem via a casa, nem os espectadores, nem os actores. A musica, não a ouvia. Mais ainda, entre elle e a Zambinella não havia distancia; possuia-a; os olhos cravados n'ella tinham-na presa a si. Um poder quasi diabolico permittia-lhe sentir o sopro d'esta voz; respirar o pó balsamico de que os seus cabellos estavam empregnados; ver as minimas flexuosidades de seu rosto e contar as veias azues qua se lhe desenhavam na cútis assetinada. Enfim aquella voz agil, fresca, d'um timbre argentino, branda como um fio a que a menor aragem dá uma forma, enrola e desenrola, alonga e dispersa, ia-lhe tão vivamente á alma, que por mais d'uma vez lhe escaparam desses gritos involuntarios, arrancados pelas delicias convulsivas, que raramente nos dão as paixões humanas.

Foi-lhe preciso sahir do theatro. Custava-lhe a segurar-se nas pernas tremulas; sentia-se abatido, fraco, como um homem nervoso que acabasse de sahir d'algum accesso terrivel de colera. Fora tal o gozo, ou talvez o soffrimento, que a vida se lhe escoára, como a agua d'um vaso, atropelado por um choque. Sentia um vacuo, um aniquilamento, igual á atonia que descepara os convalescentes, ao sahir d'uma molestia prolongada.

Foi sentar-se nos degraus d'uma egreja, oppresso d'um tristesa inexplicavel.

tação confusa, como um sonho. A paixão tinha-o fulminado.

De volta a casa, cahiu n'um desses paroxismos d'actividade que nos revelam a presença de principios novos na existencia. A braços com esta primeira febre d'amor, que tem tanto de dor, como de prazer, quiz, para enganar a impaciencia e o delirio, desenhar, de memoria, a Zambinella.

Foi uma especie de meditação material. N'uma folha, desenhava-a n'uma attitudde serena, aparentemente fria tão do gosto de Raphael, Giorgione e dos grandes pintores; n'outra, de cabeça graciosamente voltada, ao acabar um trilo e parecendo escentar-se a si mesma. Debuchou-a em todas as posições: assentada, em pé, deitada, casta, amorosa, realisando, graças ao delirio do crayão, quantas idéas caprichosas nos despertam a imaginação, se pensamos deversos n'uma amante.

Mas o pensamento furioso ia-lhe alem do desenho. Via-a, fallava-lhe, exorava-a, exgotava mil annos de vida e de felicidade com ella, ensaiando, por assim dizer, o futuro.

No dia seguinte, mandou alugar para toda a estação theatral um camarote proximo do palco. Depois, como todos os moços que tem uma agua de tempera forte, exagerava as difficuldades da sua empresa e dava por primeiro pábulo á sua paixão a fortuna de poder admirar a amante, sem obstaculos.

(Continua)

Quem ignora as prodigalidades de Tancos, e as superfluidades despendiosas das paradas, das recepções officiaes á rainha d' Hespanha, e . . .

Quem finalmente se não irrita com a reforma do ministerio dos negocios estrangeiros, reforma estudada e apresentada só para accommodar afillhadagem, e gravar o paiz com maiores e mais escandalosos encargos?

—Onde está pois o programma do ministerio? *Dicant Paduani.*

O programma, o verdadeiro programma do ministerio, é a corrupção politica, o estacionamento, a violencia e a prodigalidade. É este o programma que elle cumpre, e este o unico que convem aos seus intuitos e aspirações.

Se o paiz quer outro, se o paiz quer aquelle, que hypocritamente lhe foi anunciado por esta situação, desenvolva a sua actividade legitima e use dignamente da sua soberania.

O governo quer a ruina do paiz. Atenda o povo ao modo, como elle cumpre o seu programma, e inspire-se da difficuldade das circumstancias, e dos deveres sagrados que tem para com a patria.

Boletim parlamentar

Concluiu-se na sessão de 11 a discussão do projecto que cria os bancos agricolas e industriaes, sendo approved na generalidade e especialidade.

Alguns deputados apresentaram diferentes propostas e entre estas o sr. Calça e Pina que propoz que se eliminasse o art. 28 que diz:

«As quantias depositadas nas caixas economicas e sem juros em caso algum podem soffrer pehoras, embargo, arresto ou apprehensão de qualquer natureza, e os depositantes não são sujeitos a impostos pelas mesmas sommas e seus juros».

Os srs. Reis Moraes e barão de Mogadouro propozeram que o § un. do artigo 1.º fique sendo § 1.º, e que se addicione a este artigo um § 2.º. O governo poderá auctorisar a funcção dos estabelecimentos bancarios, organisa-los em virtude desta lei, em dois ou mais districtos se as conveniencias publicas, conjuntamente com as destes estabelecimentos, assim o aconselharem».

Na sessão de 12 o sr. José de Moraes antes da ordem do dia censurou o sr. ministro da justiça por não comparecer e responder ás interpellações. O sr. Martins Ferrão declarou que eram injustas taes censuras, por quanto o seu collega estava prompto, assim como todos os membros do governo a responderem á diversas interpellações sempre que para isso sejam marcados dias.

Depois entrou em discussão o projecto n. 8 que regula o quadro dos aspirantes de marinha dando-lhes mais vantagens.

Fallou contra o sr. Belchior Garcez, e a favor os srs. Mattos Correa e ministro da marinha, sendo approved na sessão que se seguia.

NOTICIARIO

Anarchia! — E coveimos no meio da indignação, que em todo o publico de Guimarães promoveu o procedimento por parte d'aquelles a quem desgraçadamente está confiado o cargo de vigiar pela segurança publica e tranquillidade individual dos cidadãos. Ouça o sr. governador civil. . . ou antes ouça o sr. ministro do reino:

Terça feira, pelas 8 e meia horas da noite, ouviram-se por algumas ruas d'esta cidade vozes de soccorro para uma desordem, que estava tramada na loja do pacifico cidadão e negociante á esquina da Senhora da Guia, o sr. José Antonio Vieira. Accudio immensa multidão de povo, que principiou gritando contra quem agredia em sua propria casa gente pacifica, e a indignação subiu de ponto quando ne-

sr. Vieira, tendo sido ferido na cabeça com um instrumento contundente, estava em risco de cahir nas mãos d'um mais perigoso aggressor.

Pondo de parte os motivos que deram origem a esta cega desordem e respeitando até aos seus devidos termos as causas, que tanto desorientaram os aggressores, para irem, dentro da propria morada tomar severa vingança d'aquelles de quem se julgavam offendidos, não podemos deixar de dizer que, chegadas as coisas a este ponto, estavam delinquentes e criminosos a face da lei, d'aquella lei que é filha do coração de Christo, que está no codigo de todas as nações civilizadas, que protege o fraco contra o forte, que tanto vê o pobre como o rico, — que tanto respeita o humilde como o poderoso.

A pertinacia no feilicio, os repetidos gritos de toda a familia, que via impuneamente espancado e ferido seu filho e irmão, a inerencia habitual por parte da policia, o soffrimento enfim sem soccorro — tocou o coração generoso do povo e alguns de entre este encarnegaram-se de prender em nome da lei um dos delinquentes, entre o voascar da multidão que praguejava contra o desleixo da auctoridade.

Foi então que appareceu o regedor de S. Paio e que por entre as sombras da noite se escotaram alguns cabos de policia.

Esta auctoridade tomou conta do preso, acercou-o de cabos não sem difficuldade e pôde tirá-lo d' dentro da casa, presencio da desordem.

Pouco depois chega o regedor da respectiva freguesia (Oliveira), chegam alguns soldados armados da guarda da cadeia; indica-se o caminho á policia; forma-se o prestito, — o povo acompanha para ver com a entrada do delinquente na cadeia o desagravo do delicto, mas. . . . prohição! — o prestito para defronte da morada do preso, que pelo braço do regedor de S. Paio é mettido em casa, ficando á porta uma guarda d'honra!!

—O povo, attento o escandalo, desespera, grita contra o desleixo, tenta enfurecer-se contra a policia, caso que evitaram algumas pessoas das mais prudentes com snaves conselhos.

Isto accredita-se? Isto soffre-se e tolera-se n'um paiz civilizado, e depois de rasgada a nefanda lei das distincções no crime? — Se, se accredita e se tolera, estamos então na quadra escura do baixo imperio.

Em toda a parte a policia tem por interpret rival dever, garantir a segurança individual, proteger o f. aco contra o forte, esaudar o offendido e entregar o delinquente á punição da justiça: — em Guimarães a policia tão descarada e immoral como o proprio crime, parece ter por timbre proteger com revoltante cinismo aquelles que offendem as garantias individuaes! . . .

Sr. ministro do reino! Em Guimarães a immoralidade da auctoridade, a immoralidade do regedor, que atraiçoa assim o seu dever, que desperstegia a força moral, que a roja no lodo, onde a indignação publica a calca, chegou ao seu ultimo extremo! — Já não adivela a mascara das conveniencias, nem veste o burel da hypocrisia: é torpe como a inepeia, é baixa como a ignorancia devassa!

Em nome do povo, sr. ministro do reino, decore e providencias.

Suspensão. — Em consequencia do facto que actua narramos e impellido pela animadversão publica, o sr. administrador suspendeu na quarta-feira de manhã o regedor da freguesia de S. Paio.

Isto é apenas *porira*. Se o sr. administrador podesse. . . e quizesse cumprir com os seus deveres, na mesma noite em que se deu o acontecimento, teria feito recolher á cadeia o seu subordinado, que tão imprudentemente assumiu a si as attribuições, que só competem ao poder judicial. — Para isto chegou ainda o sr. administrador muito a tempo, se é que s. s.ª não presenciou o facto, quasi desde o principio. . . como muita boa gente assevera.

Nós, porém, não o queremos acreditar: mas sinceramente estranhámos que

mente compromettido o prestigio da auctoridade, só se limitasse á *suspensão*, e não propozesse immediatamente a auctoridade superior a illiminação deste sujeito do cathalogo dos regedores.

Esperamos ainda que se dê ao publico a satisfação, que o caso pede e a moralidade exige.

Ficamos d'atalaia.

Escandalo sobre escandalo.

— Ainda não estava acalmada a má impressão do procedimento da policia na noite anterior, quando ás 10 horas da noite de quarta-feira, um empregado judicial desta comarca foi inexperadamente espancado pelo regedor de S. Paio, que nessa manhã tinha sido suspenso!

Vejam os nossos leitores, a que gente está entregue a propriedade e a vida dos habitantes d'esta cidade!

Num dia a policia protege o delicto, no outro dia pratica o crime! . . .

Os brados de reprobção surgiram de todas as partes, mas a impudência que pode com tudo, sorriu e passou. . .

Estamos, ou não, na quadra escura do baixo imperio?!

Os tributos. — O illustrado correspondente de Lisboa do *Diario Mercantil* diz em data de 12 o seguinte:

«A opinião publica está indisposta contra os projectos do governo.

O augmento no sello tem levantado muitos clamores.

O augmento de trescentos e cincoenta contos de imposto na propriedade — além do imposto do consumo tambem fez clamar o povo, porque este augmento vai ainda tornar mais desigual o lançamento da contribuição predial, porque se a base é má, todas as addicionaes sobre base vexatoria são duplamente vexatorias.

Por outro lado o annuncio de que o governo vai contrahir um emprestimo de trinta e tres mil contos a quarenta e dois e meio, faz estremecer ainda os mais dedicados ao grupo que ora está no poder.

Hontem á noite dizia-se o governo em crise e que porisso convidára os deputados inimigos do paiz. O resultado da reunião não o deve ter consolado muito, e se a crise existia, não ficou de certo resolvida, antes de ponto aggravada.

Creio que de todos os pontos do paiz vão chover representações muito fundadas contra o augmento dos impostos — por que quem tanto tem esbanjado não os pode pedir — e contra a inqualificavel supressão dos districtos que nenhuma razão de economias auctorisa.

De mais, a reforma do sr. Martins Ferrão é um passo assignalado para os julgados de fora, para as intendencias geraes de policia, emfim um grande estadio andado no caminho do absolutismo ferrenho e feioz.

Que esperanças! . . . — O illustrado correspondente da capital para o «Commercio do Porto», fallando sobre a ultima reunião a que o governo convidou a maioria, diz que o sr. ministro da fazenda declarará na dita reunião, que não tinha directamente *tributado mais* a propriedade por causa da imperfeição das matrizes, (o povo agradece a boa vontade) e que pelas informações officiaes que tinha, *podia francamente affirmar, que o rendimento collectavel do paiz era superior 10 vezes ao actual rendimento.*

Esta declaração do sr. Fontes é já annunciação de *novissimos* tributos, quer dizer que para o anno se por desgraça deste paiz continuar s. exc.ª no governo a contribuição predial pôde ser *dez vezes* mais do que a actual! . . .

Isto quer dizer ainda que dentro em pouco a propriedade é pouca para o fisco

O systema financeiro do nobre ministro da fazenda foi sempre baseado no principio de que o *povo pode e deve pagar mais.*

De todas as vezes que tem subido ao ministerio, sempre tem sobrecarregado os povos com pesadas contribuições.

Desta vez nem o vinagre e o arroz lhe escapa. Quando as subsistencias estão carissimas, e a agricultura definhada por causa das diversas molestias que tem

se lembra contribuir mais a propriedade e os objectos de consumo de primeira necessidade, aggravando dolorosamente a posição já precaria dos agricultores, e das classes mais desvalidas!

E para que? Para esbanjamentos, e despotismos!

O sr. Fontes é funesto nos negocios da fazenda.

O povo treme e com razão quando s. exc.ª sobe ao poder.

Correspondencia. — Recebemos uma correspondencia de Vizella, assignada pelo illm.º sr. Antonio Ignacio Pereira de Freitas, que por absoluta falta de espaço não podemos hoje publicar, o que faremos no proximo n.º.

Cercaes. — O sultão de Marrocos acaba de prohibir a exportação de cereaes e legumes por todos os portos seccos e molhados dos seus dominios.

Representações. — De todos os districtos, que estão na reforma administrativa para serem supprimidos, tem affluído á camara popular diversas representações.

Aula regia. — O professor d'instrução primaria n'esta cidade mudou a sua residencia para a rua de S. Damazo, onde continua a receber alumnos para o serviço escolar.

Moeda falsa. — Temos ouvido varias queixas de que no curso ordinario, se vão encontrando algumas moedas falsas, principalmente de prata, de 200 e 500 reis.

As auctoridades devem por se de sobrevivo e o publico acautelar-se contra esta praga, que tantos males accarreta.

Artefactos curiosos. — Por intervenção obsequiosa d'um nosso amigo, tivemos o gosto d'admirar, um d'estes dias, varios artefactos, vindos da nossa provincia de Macau, que pela sua singularidade e delicadesa de labor, se tornam dignos de menção, podendo-se avaliar por elles a propensão e indole industria d'aquelle povo oriental.

Quatro são as especies destes artefactos, olhando se á materia prima, em que são produzidos — marfim, prata, *charon* e folhas de arvores. Obrados em marfim ha a admirar, primeiro, um symbolo de fé da religião chinesa, especie de placa em forma de pingente, tendo no topo a figura allegorica do poder supremo, que tem por altar um grupo de conchas. Aos pés d'esta figura, e avultando no mesmo corpo interior do marfim, está uma esphera delicadamente rendilhada; por dentro da qual gira livre outra da mesma forma, e por dentro desta outra e assim até findar n'um globulo, engenho que dá que scismar como foi produzido e que parece destinado a symbolar a rotação dos astros, como a maior maravilha da criação perante Deus.

Destinada á suspensão, tem esta especie de *penal*, uma mão presa a uma cadeia, tudo obrado e derivado do mesmo corpo do marfim que terá de extensão 1/2", terminando por uma borla de torçã e lha ma de prata.

Em segundo lugar obrada na mesma materia, é não menos curiosa uma caixa com a arca e as quatro faces lateraes todas abertas a buril, e onde, enrançadas com difficil engenho, se veem paisagens, quadros da vida campestre, passagens romanticas, etc.

Em *charon* ha dois estejos de costura, com utensilios e instrumentos obrados de marfim.

Entre estas prendas realçam uma carteira e uma charuteira, feitas de filigrana de prata, primores da arte pelo mino e gosto do trabalho.

No esqueleto de folhas de arvores, acham-se coloridas diversas figuras allusivas a costumes indios e chinezes, — brincos que por si exaltam a paciencia e o extremo amor p. lo trabalho.

Todos estes artefactos foram enviados de presente a sua familia por um illustrado mancebo, nosso patricio, que está trabalhando por Deus e pela patria n'aquellas longinquas possessões da coroa portugueza.

De como el-rei D. João III creava os seus pagens e moços

quando estava nos seus paços da Ribeira os mais dos moços fidalgos, e filhos de officiaes da casa, tinham exercicio dentro no paço de ler e escrever, dançar, armas, e latim, e os mestres tinham um dia no mez para el-rei saber d'elles quem bem exercitava estas artes, e quaes eram remissos e não estudavam.

A mesa de el-rei ao jantar se não tolia a porta a nenhum corteção que queria estar a ella; estavam muitos fidalgos, capitães de Africa, e muitos que nella venceram suas commendas, muitos capitães e soldados indiatcos, aos quaes el-rei perguntava pelas coisas de Africa e India; os moços fidalgos estavam á mesa d'el-rei de joelhos, ouvindo os feitos valorosos e façanhas que em uma e outra parte se faziam de que ficavam cobrando brios para fazerem outro tanto e avisados e cortezes para saberem responder. El-rei por algumas vezes, como tinha na memoria o que os mestres lhe diziam, do que estudava bem ou mal, ali os louvava, ou reprehendia, dizendo: D. fulano levo muito gosto de me dizerem os mestres que estudaes; continuae e eu vos prometto que se assim fizerdes que eu me lembro muito de vós, e se quizerdes chegar-vos á igreja as minhas mitras descansarão sobre vossas cabeças; e os que não estudavam tinham sua reprehensão; e no fim da mesa, quando vinha a confeitaria, tomava el-rei em sua mão talladas de cidrã e peros verdaes que repartia por elles, e d'esta maneira se creavam os mais delles.

Os paes e parentes destes moços fidalgos estavam muitos á mesa ouvindo como el-rei, como pae, os agasalhava, e ensinava; e beijavam a mão a el-rei pela mercê destes favores e ensino que por sua pessoa dava a seus filhos e parentes.

(J. de L.)

Boa resposta.—P. Quaes são os homens mais sabios de Portugal?

R. Os recebedores das decimas: porque são os que dispõe de mais conhecimentos.

(Tejo)

A santa inquisição.—*Varias Lambranças*—Como dissemos, no anno de 1621 houve neste reino um dia de grande festa inquisitorial:—foi em 28 de novembro, domingo do juizo e 1.º do advento. As tres inquisições de Lisboa, Coimbra e Evora celebraram auto nesse dia.

A inquisição de Lisboa saiu com 96 pessoas, sendo homens 59, e mulheres 37; 5 homens e 3 mulheres relaxadas e 3 estatuas. O auto foi no Rocio.

A inquisição de Evora saiu com 100 pessoas, 2 homens e 7 mulheres relaxadas, e 6 estatuas. O auto foi na praça Grande.

A inquisição de Coimbra levou a palma ás outras; saiu com 174 pessoas, sendo 74 homens e 100 mulheres, 8 homens e 4 mulheres relaxadas, e 12 estatuas. O auto foi celebrado na praça. Durou este auto tres dias consecutivos, e foi sobretudo notavel pelas pessoas que saíram, muitas das quaes eram qualificadas por diferentes titulos, alem de sairem familias inteiras.

Ao auto de Lisboa assistiram os governadores do reino, em nome do rei intruso Philippe III de Castella; e era inquisidor geral D. Fernão Martins de Mascareubas.

Em Evora choveu durante todo o dia mas nem por isso esfriou a crueldade dos inquisidores, nem deixaram de arder as fogueiras em que foram queimados os impenitentes, relapsos, contumazes, fictos, simulados, etc.

Mas o auto de Coimbra, como dissemos, foi o mais brilhante e esplendido. Eram 24 as fogueiras, 12 para os relaxados em carne, e 12 para as estatuas acompanhadas dos ossos dos defunctos nos carceres, que iam tambem representados nas estatuas. Devia de ser um grandioso espectáculo na lusa Athenas. Tres dias gozaram d'esta vista os honrados filhos de Coimbra, a coisa mais apparatusa que então se offerecia a este povo abatido e prostrado pelo dominio estrangeiro, mas fidelissimo, posto que então ainda a corte de Roma não lhe havia feito presente desse titulo de fidelissimo, que só alcançou no reinado de D. João V.

Aniquilaram-se neste auto familias inteiras, por exemplo:—Francisco Dias, o Chorão, serigueiro foi queimado, e com elle sua cunhada Catharina Lopes, sua sobrinha, filha desta, Maria de Figueiroa, rapariga de 22 annos de idade; seu irmão Diogo Dias, sua irmã Philippa Duarte. Todos os filhos e filhas de Francisco Dias saíram penitenciados, assim como os do licenciado Antonio Dias de Alveida que era filho de Catharina Lopes, e saiu depois condemnado a habito e carcere perpetuo.

Já se vê que devia ser uma coisa edificante extinguir deste modo, nas chamas, uma familia.

No auto celebrado em 3 de agosto de 1603, na Ribeira-Velha, de Lisboa, saiu um frade franciscano chamado fr. Diogo da Assumpção, o qual foi queimado vivo. Segundo consta de varias sentenças de alguns penitenciados, que o tinham por *martyr*, e até lhe prestavam culto. O mesmo aconteceu depois com o dr. Antonio Homem, o dr. Infeliz, queimado vivo no auto de 5 de maio de 1624, celebrado na Ribeira-Velha desta cidade.

Nas listas do auto de 28 de novembro de 1621, em Coimbra, achamos diferentes allusões a uma confraria em honra de certa pessoa que foi queimada. Assim no rol das culpas de Antonio Correa de Sá, que era homem notavel de Coimbra e fora vereador dessa cidade, lemos o seguinte:—Este Antonio Correa com os mais confrades eram irmãos de certa confraria de uma certa pessoa, e feita á sua honra, a qual pessoa foi por herege apostata queimado, ao qual elles chamam *martyr*.—Nesta confraria havia juiz, escrivão e mordomo da bolsa, que era o tal Antonio Correa de Sá. Este homem, apesar de suas grandes culpas, apenas teve os bens confiscados, e ser obrigado a andar de habito perpetuamente.

Não succedeu assim a Francisco Correa, o qual depois de estar preso oito para nove annos, appareceu no auto grande, de carocha, e queimaram-no vivo. Quanto não padeceria este homem? E como elle resistiu por tanto tempo, para a final figurar vivo na fogueira?

As cerimoniaes da confraria a que acima alludimos, eram altamente ridiculas, e não é crível que homens illustrados as praticassem, porque não eram as que a lei de Moyses; e se elles eram judeus haviam de seguir á risca essa lei, como usaram sempre, e ainda hoje usam. O caso é, que da confraria saíram no auto um grande numero de irmãos.

Prégou neste auto fr. Antonio de Jesus, padre franciscano, que era tio de Ruy de Albuquerque, secretario da universidade, e a mulher deste, D. Maria, filha de Simão Leal governador da cidade, e impenitente ciada com sambenito.

A mulher de Francisco Dias, que foi queimado, apparece na lista sentenciada por que fazia, ás sextas-feiras, as camas com roupas lavadas. Anna de Faria, que era freira dissoluta, que resava o Padre Nosso, porque não sabia outra oração, e limpava as candeias com azeite limpo. Agostinha de Castro, levou sambenito, porque resava uma oração em que dizia:—Padre nosso pequenino, tem as chaves do paraizo; elle as tem, elle as terá; todas as almas salvará.—Luiza Serra, teve sambenito perpetuo, porque entre outras culpas resava uma oração que dizia:—Deus diante, o eu de traz; Deus de traz e eu diante.—Leonor dos Anjos, filha de Francisco Dias, queimado no auto, diz a lista, «que comia pão asmo, e um crucifixo que tinha lhe chamava muitos nomes injuriosos e ruins; quando varria a casa elle fazia mil caras (caretas), e quantas vassouradas dava nas casas, tantas unhas lhe ia dar.»

A farça andava a par da tragedia n'estas scenas que a inquisição representava; mas a farça era ridicula e ao mesmo tempo monstruosamente cruel. Rimo-nos hoje lendo a relação das culpas que levavam tantos infelizes á fogueira, ou aos açoites, ou ao carcere perpetuo; mas tudo isto era sanguinoso, era mais do que isso, era a degradação intellectual, a abjecção moral de homens, que livremente dispunham da honra, da fazenda e da vida de seus irmãos.

Daremos na integra as culpas de Pedro Affonso, que no mesmo auto sahiu. Era este christão velho, e diz assim o rol das suas culpas:

«Estava apartado da Fé, e dizia a algumas pessoas:—«Vós outros cuidaes que que ha ahí inferno, pois as almas quando sabem dos corpos logo vão para o paraizo terreal; isto sei eu, porque o acho nos meus livros.» Appareceu-lhe o diabo, em figura de menino de 10 annos, o qual resplandecia em luz, e lhe disse que se crêsse n'elle e promettesse ser seu o ensinaria a curar todas as enfermidades, e o faria muito rico, e levado do interesse o fez da maneira que lh'o pedia. E depois d'isto curava muitas pessoas e vestia outras pelo poder do diabo. Tinha um livro intitulado de S. Cyprião, e n'elle se diziam as curas que havia de fazer. Querendo curar alguns doentes, os levava ao longo de um rio, e ali os sangrava na testa com um alfinete, e lhe fazia dizer estas palavras:—«Estou picado e enfeitado, Jesus nome de Jesus, despicac-me e desenfiteicac-me...» Não curava senão ao domingo, dizendo que assim lh'o mandava o seu livro de S. Cyprião. Aconteceu que uma vez lhe achou este livro um clerigo, evendo as torpesas e parvoices que nelle estavam escriptas, o rompeu e o botou debaixo dos seus pés e o pisou com elles e por fazer isto fez com que os diabos tomassem o clerigo e o levassem a um monte, onde estava um matto, e o trataram alimuito mal, e tanto que não poderam d'ali trazer senão em um carro. Outra vez fez com os mesmos diabos para irem a casa do mesmo clerigo, e lhe quebraram toda a loiça que tinha.»

Querem saber o que os inquisidores fizeram a este Pedro Affonso, que estava doido, se taes coisas dizia? Acoutaram-no e degradaram-no dois annos para Castro-Marim, intimando-lhe que nunca mais voltasse á sua terra.

Ora os inquisidores fallavam como quem acreditava que Pedro Affonso tinha effectivamente pacto com o diabo, e que este por sua influencia atirara com o clerigo para o monte, e depois lhe fora quebrar a loiça em casa!

Farça, pura farça, em nome de Deus e á sombra da cruz! E como Pedro Affonso houve muitos e muitos; mas alguns, mais infelizes, foram á fogueira.

Ainda a cidade de Coimbra presenciou outro auto, que durou tres dias; foi o que se celebrou a 13, 14 e 15 de fevereiro do anno de 1667. Sairam 273 pessoas, sendo 139 homens e 134 mulheres, e 5 homens e 4 mulheres relaxados em carne. Foi um bonito auto. Neste figuraram especialmente pessoas da provincia de Traz-os-Montes, e em maior numero Trancoso Villa Flor e Bragança, pois que só destas terras e seu termo achamos na lista mais de 120 pessoas, quasi metade dos penitenciados. Dos relaxados tres eram de Villa Flor.

A provincia de Traz-os-Montes foi uma das mais assoladas pela inquisição. As familias iam aos montes para os carceres, e os menores esperavam a idade de 13 ou 14 annos, e para lá iam tambem, que nisto não tinha a inquisição escrupulo, pois até queimava raparigas de 17 annos!

(J. do Commercio)

Cereacs.—O preço dos cereacs na praça do mercado d'esta cidade no dia 9 de fevereiro, foi o seguinte:

Trigo, alqueire, 1\$180 réis—Centeio 560—Milho alvo 580—Milho branco 540—Milho amarello 530—Farinha 570—Painço 480—Feijão vermelho 900—Feijão branco 850—Feijão amarello 700—Rajado 600—Fradinho 480—Batatas 400—Cevada 800—Azeite almude 4\$800—Vinho 900.

EXTERIOR

TELEGRAMMAS

Florença 11—Foi feita na camara uma interpegação sobre a prohibição de meesings na occasião do projecto da liberdade da igreja. A camara apesar do

discurso de Ricasoli, adoptou por 136 votos contra 104 a ordem do dia, convidando o governo a não impedir a liberdade de reunião.

Florença 12—O ministerio pediu a sua demissão. Ainda não se sabe o que resolverá o rei.

Constantinopla 10—Constituiu-se novo gabinete. Ali-Pachá é gran-yizir e Fuad-Pachá é o ministro dos negocios estrangeiros.

Londres 11—Disraeli fará saber amanhã qual a resolução do governo relativamente á reforma, e propoz a abolição da antiga séde eleitoral.

Gladstone não approva essa resolução, mas reservará a sua decisão até que tenha d'ella melhor conhecimento.

Florença, 13—Um decreto do rei acaba de addiar as camaras para 28 de fevereiro corrente.

Paris, 12—O governo ordenou que fossem aprehendidas todas as cartas, que parecessem conter uma circular do conde de Chambord.

Nova-York, 12—Correm boatos de que Butler e outros radicaes propoem a accusação do general Grant.

Hespanha—Parece certo que foi ou va ser revogado o decreto que exilou o marechal Serrano, e diz-se que será levantada a pena dos exilados, que solicitarão essa graça. Estes actos revelam talvez debilidade no actual governo.

No dia 10 corria em Madrid o boato de ter sido chamado áquella corte o d. que de la Torre para formar um gabinete, dando logo uma amnistia geral. A Hespanha não lucraria muito com a mudança.

Não ha que esperar coisa boa da nova união de odonnellistas com a coroa.

KALENDARIO

Febrero

- 15 Sext.—Trasladação de Santo Antonio.
- 16 Sab.—S. Porphirio, M.
- 17 Dom.—da Septuagesima, S. Faustino.
- 18 Seg.—S. Theotimo.

HOTEL AVEIRENSE

Café e bilhar

Campo de Sant'Anna (lado de cima)

BRAGA

ARRIU-SE este novo estabelecimento que tem excellente e bom serviço, preços commodos, e a mesa por lista. (97)

Atenção

VENDE-SE vinagre muito bom a 30—40 e 50 rs. o quartilho e o almude com abatimento. Rua de S. Domingos n.º 26. (97)

DOMINOS

Alugam-se por preços commodos, largo do Toural n. 12 (98)

Despedida

JOSÉ Barbosa da Costa Lemos, partindo para Lisboa, e não podendo despedir-se de todas as pessoas de sua relação e amizade, o faz por este meio, do que pede desculpa, offerecendo os seus serviços n'aquella capital. (87)

Do Commercio do Porto

E a pedido do annunciante transcrevemos o annuncio seguinte:

Duarte Teixeira de Souza da Silva Alcoforado, como cessionario de Domingos Antonio de Freitas, da cidade de Guimarães, e herdeiro de seus sócios José de Lima Miranda e mulher da mesma cidade pela quantia de 700\$000 reis, que por escriptura de Dezembro de 1862, na nota do tabellião José Joaquim d'Oliveira, da referida cidade, lhes emprestou o dito Domingos Antonio de Freitas, e este recebendo a sobredita quantia do annunciante, lhe fez cessão de seu direito por outra escriptura com data de 29 de junho de 1863, na nota do dito tabellião. O annunciante querendo embolsar-se da divida, quer fazer cessão d'ella a um terceiro; e para poder mostrar a este de que ainda não fez transação com pessoa alguma acerca do expressado credito, convidamos porisso pelo presente annuncio a todas e quaesquer pessoas que a elle se julgarem com algum direito, para que o venham reclamar dentro do prazo de 15 dias da data do hoje, fazendo a sua reclamação por uma declaração n'este jornal, ou em qualquer outro em que sair igual annuncio, devendo entender-se que nenhum direito tem o credito referido, quem até então não fizer reclamação alguma por effeito da sobredita declaração.

ATTENÇÃO

DOMINGOS Gonçalves Lobo, negociante na rua N. va do Muro, d'esta cidade, faz publico que passou o seu negocio de contro e solta ao seu caixeiro Francisco Martins Fernandes, ficando de hoje em diante a cargo d'este todo o activo e passivo do mesmo negocio, e declara que, segundo os seus assentos, nada deve a seus credores, mas se porventura algum disser o contrario, que apresente no prazo de 30 dias o titulo legal, que, nao duvida reconciliando-o de verdadeiro, pagal-o. O annunciante agradece por este meio a todas as pessoas com quem teve transações commerciaes e lhe pede continuem da mesma forma com a nova firma — Francisco Martins Fernandes, pois que tem uma certeza de que serão bem servidos pelo bom sortimento que em o estabelecimento de objectos proprios ao mesmo. (90)

PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY

Estes Medicamentos obtêm uma acção e uma ventura mais universaes do que qualquer outro remédio no mundo.

As Pilulas, são o melhor purgante conhecido para o sangue, corrigem todas as desordens do fígado, e de todo o tracto bilioso, e são igualmente efficazes contra os dynteris; illustram o remédio de família, não tem rival.

O Unguento cura prompta e radicalmente as feridas antigas, chagas, ulceras (senda que tenham visto antes de curar-se) e suppuradas; inflammações, e tumores de todas as partes do corpo, e de todas as partes que se possam tocar, e de todas as partes do corpo. Cada pedacinho de pilula, e pote de unguento são acompanhados de amplas instruções para o uso do respectivo medicamento, podendo se obter estas instruções em todas as linguas conhecidas.

As preparações de Holloway vendem-se em todos os paizes do mundo, (com excepção de S. Paulo, China, Indias, e Ilhas do Archipelago Oriental, Syria, Arabia, Grecia, e Turquia) e no mesmo local em que se encontram em todos os principaes Boticas.

As Pilulas e o Unguento de Holloway se acham á venda em Lisboa em casa da VIEVA BARRETO 28, RUA DO LORETO E BARRAL E IRMAO 126, RUA AUREA.

No Porto em casa de MIGUEL J. DE SOUSA FERREIRA, RUA DA BANHARIA, N.º 77 E 79, E DE TOMAS BOWDEN, N.º 4 RUA DE S. FRANCISCO.

As Farmacias de Portugal.

TRINCAÇÃO DE CAPSULAS VEGETAES AOMYRICO

Novo medicamento preparado com os folhos de Myrica, e de Myrica, para a cura de todas as inflammações da bexiga, e de todas as inflammações dos intestinos. Oribolus, e de todas as inflammações de qualquer outro tracto bilioso. Empregase a Trincação no começo de fluxos; as escripturas em todos os idiomas, e em todos os idiomas, e em todos os idiomas.

PHOSPHATO DE FERRO

INSPECTOR DA ACADEMIA DE PARIS Etc.

Não existe medicamento ferruginoso tão nobre, e tão efficaz como o Phosphato de Ferro de Leroy, as suas vantagens são: 1.º Não causa nenhum mal ao estomago, e não produz nenhum effeito nocivo ao estomago, e não produz nenhum effeito nocivo ao estomago, e não produz nenhum effeito nocivo ao estomago.

BANCO UNIAO

Secção de Seguros Mutuos de Vida

Até 30 de novembro ultimo

Número de seguros	11263
Capital subscripto	3.845.310\$000
Inscrições compradas	3.297.950\$000

A DIRECÇÃO lembra aos srs. subscriptores com época de pagamento em 31 do corrente, que então se vencem, e desde já se recebem na thesauraria do banco, como dispõe o artigo 4.º do regulamento d'esta secção, as seguintes prestações:

- 4.ª para a liquidação de 1869
- 3.ª " " " 1870
- 2.ª " " " 1871
- 1.ª " " " 1872

Aquelles que estiverem em debito das prestações vencidas em igual época do anno anterior ainda poderão pagal-as até 31 do corrente com mais 12% pelo atraso como dispõe o art. 21.º do regulamento. Quem até então não reasumir esse pagamento não o poderá fazer mais, e na liquidação só receberá, no caso de sobrevivencia ou reserva de capital, as prestações entradas sem lucros, que revertem a favor dos socios pontuaes.

Tambem até ao mesmo dia, ainda se pode subscrever para a liquidação de 1871, pagando 12% sobre a primeira prestação ou entrada unica, como permittê o art. 5.º do regulamento, liquidando assim em 4 annos, vantagem que não offerecem as mais associações d'esta instituição em Portugal. Quem se não quiz aproveitar d'esta faculdade poderá subscrever para a liquidação de 1872.

Porto, 12 de dezembro de 1866.

PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Subscreve-se e vende-se no escriptorio da administração, largo da Misericórdia n.º 14. As assignaturas são pagas adiantadas. Toda a correspondencia e publicações de interesse particular são pagas. Anuncios por linha 50 reis, repetidos 20 reis.

Por anno..... 2 700 reis.
 " semestre..... 1 350 "
 Folha avulsa..... \$10 "

RESPONSÁVEL: J. M. RIBEIRO. — Guimarães — TYPOGRAPHIA GUIMARANENSE.

Agente em Guimarães
 Domingos Martins Fernandes — praça do Toural n.º 11
 Os directores
 José da Silva Machado
 F. M. van der Niepoort. (42)

PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

RUA DE SANTA LUZIA N.º 91

A. A. S. Cardoso, retratista pintor, mudou-se para a rua e n.º acima indicado, onde continua a tirar retratos tanto a oleo como em photographia, desde as 9 horas da manhã até as 2 da tarde. 176

CAEDOS PEITORAES

UTEIS no tratamento de todas as doencas, nas affecções caracteristicas de fraqueza geral e innacção dos orgãos; augmentam consideravelmente as forças dos individuos debilitados, excitando o appetite d'um modo extraordinario.

Deposito em Guimarães, na pharmacia de A. J. P. Martins.

NESTA redacção se diz onde se vende um piano vertical de pau mogno; com enfeite de seda.

CONTRA A TOSSE

Xarope peitoral de James, unico legalmente authorizado pelo conselho de saude, ensaiado e approvedo nos hospitaes de Lisboa, onde se faz grande uso, como unico tratamento de molestias tossicolosas.

Deposito em Guimarães, na pharmacia de A. J. P. Martins.

ESPECTACULO

BAILE DE MASCARAS

NO THEATRO

de D. Affonso Henriques

O 1.º baile terá lugar no salão do mesmo theatro na noite de 24 do corrente; o 2.º em 3 de março; o 3.º e ultimo no dia 5 do mesmo mez.

Camarotes

1.ª e 2.ª ordem (frente)	1\$800
Assignatura pelas 3 noites	4\$000
Lados (avulso)	1\$440
Assignatura pelas 3 noites	3\$000
3.ª ordem (frente)	1\$000
Assignatura pelas 3 noites	2\$400
Lados (avulso)	880
Assignatura pelas 3 noites	1\$800

PLATEIA

Com mascara	120
Sem mascara	200

Os bilhetes acham-se á venda em casa do illm.º sr. José de Souza Guimarães, negociante á praça do Toural.

Nos gabinetes do mesmo theatro se encontram de aluguer dominós para mascarar.

VINHOS DO ALTO DOURO

No armazem da rua das Pratas, vende-se vinhos de mesa

(Com estampilha)

Por anno	5 500 reis.
semestre	1 350 "
13 AZIL, pelo pag.º por anno	5 000 "
semestre	2 200 "